

DÉBORA VIEIRA DA SILVA

**A MÚSICA COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE
LITERATURA**

FAAT

Atibaia, 2017

DÉBORA VIEIRA DA SILVA

**A MÚSICA COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à FAAT
Faculdades Atibaia como requisito parcial para a
obtenção de licenciatura plena do Curso de Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Sonia Mara Ruiz Brown

FAAT

Atibaia, 2017

A você, meu querido tio André, que agora
dorme com as estrelas! Obrigada por ter me
ensinado que a melhor melodia é a do pulsar
do coração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu o sopro da vida. Agradeço à minha família por ser minha fortaleza em todas as horas. Agradeço também a todas as professoras que auxiliaram a construção da minha vida acadêmica, em especial, minha parecerista Cleidil e minha orientadora Sônia, que nortearam minhas dúvidas e meus equívocos. Quero agradecer também a minha avó Fátima, que antes de tudo, ensinou-me a viver.

"Se eu não for para o céu pelas asas da poesia,
irei pelas asas da música. E não é a mesma
coisa?"

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo

Este trabalho tem por objetivo a apresentação de uma metodologia lúdica para ensinar a Literatura por meio da música. A música possibilita um aprendizado mais agradável e desenvolve a percepção crítica do aluno de diferentes maneiras. Portanto, no decorrer deste trabalho será possível verificar como a música e a literatura proporcionam um enriquecimento cultural amplo, prático e satisfatório para professores e alunos.

Palavras chave: Literatura. Música. Lúdica. Metodologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – A MÚSICA	8
1.2 Desenvolvimento histórico da Música	8
1.2 Contribuição da Música para o desenvolvimento do homem	11
CAPÍTULO II – A LITERATURA	14
2.1 Desenvolvimento da Literatura	14
2.2 Contribuição da Literatura para o desenvolvimento do Homem	17
2.3 A Importância do lúdico no aprendizado	19
CAPÍTULO III – AS FIGURAS DE LINGUAGEM	20
3.1 As Figuras de Linguagem e a Literatura.....	20
CAPÍTULO IV – ANÁLISE	22
4.1 Trovadorismo e sua contemporaneidade	22
4.2 Classicismo no século XXI?	25
4.3 Quinhentismo atualizado em música	27
4.4 O Barroco e suas particularidades em nossa atualidade musical.....	29
4.5 Arcadismo e o bucolismo musical.....	32
4.6 Romantismo: O amante dos músicos e poetas.....	34
4.7 O Realismo na realidade contemporânea.....	37
4.8 O Simbolismo nos dias atuais.....	40
4.9 O Modernismo do século XXI.....	43
4.10 A presença Figuras de Linguagem em músicas.....	47
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
WEBGRAFIA	54

Introdução

Muitos são os problemas do ensino da Literatura nas escolas, pois, em um cotidiano extremamente corrido, cheio de tecnologias que são muito mais sedutoras aos olhos dos jovens, a compreensão de mundo por meio da leitura ganha algumas desvantagens.

Muitos jovens acreditam que ela é uma matéria desnecessária, pois, muitas vezes, eles acreditam que se resume a apenas leitura de livros “velhos”, o que dificulta o processo de construção dos verdadeiros valores dessa disciplina.

A problemática maior volta-se, então, para a questão: como tornar a Literatura mais atrativa? Pode-se resolver essa problematização com o auxílio da música, utilizando – a como um recurso metodológico para ensinar a cultura das diversas artes literárias.

A música, por si só, envolve qualquer camada social, ultrapassa qualquer limite e é a arte que mais contagia as pessoas, por isso utilizá-la junto aos seus fenômenos literários, além de auxiliar, também amplia o gosto dos jovens pela disciplina. Ao unir a música, que faz parte do mundo deles de maneira fortemente constante, haverá contribuição dos conceitos que envolvem a Literatura, como figuras de linguagem, metrificacão, sonoridade, ritmo, linguagem, conteúdo, entre outros fatores.

A música é atrativa, porque ela engloba diferentes assuntos que caracterizam situações do dia-a-dia, ou até mesmo assuntos de diferentes grupos sociais. Por essa razão, utilizá-la só tende a beneficiar o ensino, facilitando o envolvimento do aluno com a matéria, possibilitando, ao mesmo, ver com outros olhos o que, para ele, não passa de uma mera disciplina “desnecessária”.

Desenvolvimento histórico da música

Dentre todas as artes que permeiam as diferentes culturas, a música é considerada a mais abrangente de todas.

O poder que a música possui em agregar pessoas, construir conexões, influenciar gerações, promover bem – estar e proporcionar criticidade ao ser humano - ultrapassa os limites de qualquer outra modalidade artística, isso porque ela é provedora de diferentes letras carregadas de ideologias que atingem todos os níveis sociais.

Na atualidade, traz variáveis modernas, com elementos eletrônicos que caracterizam a sociedade altamente tecnológica na qual estamos inseridos. Porém, a música está presente na humanidade desde os seus primórdios. A natureza produz sonoridades a todo instante, como as ondas do mar, o som do vento batendo nas folhas das árvores e, principalmente, o som ritmado e melódico que muitos animais reproduzem, por exemplo, o canto dos pássaros.

O homem, que é um produto social é, antes de tudo, um produto natural e, justamente pela sua natureza, carrega os mesmos aspectos inatistas que os animais: o da música como parte integrante do seu ser.

Há dados que estipulam a origem da música na pré-história, no qual os sons da natureza eram imitados. Segundo Alencar¹ “É de cerca do ano de 60.000 a.C. o vestígio de uma flauta de osso e de 3.000 a.C. a presença de liras e harpas na Mesopotâmia.” Podemos destacar dados da origem da música em sítios arqueológicos, nos quais pinturas rupestres destacam pessoas dançando e cantando, utilizando objetos que se assemelham a instrumentos primitivos.

A palavra “música” origina-se do grego *musiké téchne*, que significa a arte das musas. O envolvimento dos deuses mitológicos com a música é muito retratado nas diversas artes. O Deus pagão, Apolo, é considerado o regente das artes, e muitas são as representações dessa divindade segurando uma lira.

¹ <https://educacao.uol.com.br>

¹ <http://educaçao.uol.com.br>

A música na Antiguidade está relacionada a rituais religiosos. Acreditava-se que a voz era um meio de estarem mais próximos aos deuses, podendo, assim, atingir a perfeição e, devido ao intuito comunicativo, outras formas artísticas incorporavam – se à música, como as danças, o teatro e a poesia, essa última era acompanhada da lira, um instrumento em forma de “U” com cordas.

Na antiga Roma, os gregos, os etruscos (povos da antiga Etrúria, antiga região da Itália) e culturas ocidentais influenciaram a musicalização romana. Assim como na Grécia, a música na cultura romana tinha ritos religiosos. Além disso, ela servia para sinalizar ações na guerra e para comemoração das vitórias dos soldados.

Ainda na Idade Antiga, na China, a música transcendeu os eventos civis e religiosos. Ela representou momentos importantes na história de seus imperadores.

Os egípcios acreditavam que a música originava-se dos deuses. Mulheres, chamadas de sacerdotisas, tocavam os instrumentos.

Um grande nome da história universal, que além de ter contribuído para diversas áreas do conhecimento, também deixou um legado importante para a historicidade musical, segundo Pereira² foi Pitágoras, que descobriu as notas e intervalos musicais.

A partir da Idade Antiga, a música se expandiu de maneiras diversas em várias partes do mundo, consolidando-se ainda mais após o surgimento do rádio no século XX. Suas manifestações foram diferentes em cada cultura, em cada continente e país, dando forma a estilos distintos e muito peculiares às etnias das quais a música pertence, como a brasileira, norte-americana, inglesa e muitas outras.

A música atual no Brasil e no mundo tem uma série de fatores capitalistas, que agregam, muitas vezes, estilos que comprometem a disseminação da boa cultura musical. Infelizmente há produções que vendem muito, mas não criam vínculos construtivos, principalmente para as crianças e jovens, público que mais adquire esses produtos com enfoque totalmente comercial.

A geração atual, não generalizando, mas boa parte dela acaba escutando músicas que podem ser classificadas como uma poluição sonora. Músicas com temas pejorativos, com

² <http://www2.unirio.br>

apologia ao sexo, à violência, ao crime e ao preconceito são produzidas constantemente sem nenhuma censura.

Apesar disso, há elementos na própria massa musical dominante que seguem caminhos opostos, pois existem músicos que vendem muito, mas também produzem com qualidade e, para o incentivo à educação, esse fator é primordial, pois trabalhar com temas que estão próximos aos alunos e, ao mesmo tempo, temas que enriquecem o meio do desenvolvimento intelectual deles, podem gerar frutos promissores ao ensino.

Contribuição da música para o desenvolvimento do homem.

O homem é um ser extremamente cultural. Sua relação com o meio faz com que ele aprenda, crie e transforme seu ambiente social.

A música, como parte integrante da cultura produzida pelo homem, também acresce no desenvolvimento subjetivo de cada ser humano, pois ela dissemina conceitos que penetram o psicológico, o emocional, o social, o crítico e outras ideologias inerentes às pessoas. Bréscia (2011, p. 33), afirma:

Mesmo sabendo que a realidade é criada internamente, estamos predispostos a compreender e acreditar apenas no concreto, achando que somente os aspectos lógicos e materiais da vida são verdadeiros. Ainda é muito difícil validar qualquer coisa que não podemos medir com nosso olhar externo. Como não enxergamos a música e seus efeitos, muitas vezes não temos consciência da ação que ela exerce em nós.

A música pode ser abstrata quanto à sua forma. Porém, ela é ricamente compreendida na transmissão de ideias, na sua pureza melódica e ritmada. Essa compreensão faz com que as pessoas introduzam a música em suas crenças, pois, Bréscia (2011, p.34) diz que os homens na cultura oriental:

[...] acreditam que um dos caminhos importantes para o crescimento espiritual envolve tornar-se consciente e centrado nas próprias vibrações, a fim de eventualmente afiná-las com a vibração do universo e fazer com que se tornem parte desta.

Para a autora, a música se relaciona com a Física, pois ela contém fenômenos como a frequência, a forma da onda, o tempo, a intensidade. Esses componentes sonoros da Física - além de integrarem a música com outros nomes, como timbre, intensidade, duração, etc. -, proporcionam aspectos cognitivos extremamente relevantes para o estudante de música, por exemplo, já que esse processo estimula a concentração, a memorização e outras teorias que acrescem o desenvolvimento psicológico do ser humano.

Ainda na área psicológica, [no livro *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*] Gardner (1995) *apud* Bréscia (2001) propõe a teoria das inteligências múltiplas, no qual define a inteligência musical como uma das inteligências autônomas presente no ser humano.

O aparecimento precoce da capacidade musical numa criança sugere, a seu ver, a existência de algum tipo de “preparação biológica”; o hemisfério direito do cérebro seria particularmente importante para a música, e a notação musical, segundo Gardner, indica claramente um sistema simbólico básico. (BRÉSCIA, 2001, p.38).

A autora afirma ainda que a música também favorece o desenvolvimento psicomotor, gerando benefícios de coordenação dos pés e mãos, ou seja, faz-se uso da mente e do corpo para um resultado significativo na construção musical.

Além do desenvolvimento psicomotor, a música também serve como base para a interpretação das canções, uma vez que, para compreendê-las, é extremamente relevante interpretá-las e, quando o homem se apropria da compreensão das letras musicais, ele está expandindo sua capacidade psicológica. Segundo Bréscia (2001), ainda é possível resolver problemas sérios como distúrbios relacionados à oralidade e fonologia; problemas de *déficit* na compreensão, na produção e também nos diversos usos da linguagem oral.

Como grande aliada da cura, a musicoterapia é outro grande fator que consiste em curar problemas ligados à área psicológica. Utilizar a musicoterapia como método de cura traz resultados significativos no quadro de pacientes com problemas mentais e emocionais. Bréscia (2001) afirma: “Existem sinais de que médicos e musicistas hoje em dia estão buscando uns aos outros e no mundo todo está havendo um renascimento do diálogo entre as artes da medicina e a música” (p.43). A musicoterapia apresenta resultados interessantes, pois, quando o paciente é introspectivo, a música causa sinais de alerta, assim como, em pacientes com quadros de perturbação mais graves, a música estimula uma acessibilidade maior a essas pessoas. Já os pacientes que apresentam debilidade física, com a música, podem estimular o controle muscular e adquirir novas habilidades que estavam debilitadas.

Segundo a autora até aqui citada, a Musicoterapia vem auxiliando pacientes com câncer. Durante as seções de quimioterapia, a música é utilizada no intuito de amenizar sensações nauseantes e o vômito, além de amenizar o estresse causado pelo tratamento.

A autora ainda afirma que a música também transforma o ambiente social, pois ela interliga emoções, o que para as crianças e jovens é fundamental, pois, nessas fases, a infantil e a adolescência, a tendência a aprender trabalhar em conjunto é indispensável, justamente para visar a um futuro de pessoas que saibam conviver com estabilidade em diferentes grupos.

Desenvolvimento da Literatura

Assim como a música, a literatura tem um vasto campo de notoriedade desde seus primórdios.

Segundo Wikipédia³ (<https://pt.wikipedia.org>, junho. 2017), Literatura vem do Latim *litteris*, que significa Letras.

Lajolo (1982, p. 16) diz que: “[...] a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social”.

Diferentemente dos modelos literários que conhecemos atualmente, a Literatura originou-se da oralidade, pois, em eras remotas, a língua escrita nem mesmo existia.

Alguns registros constam histórias que foram passadas de geração em geração por meio de lendas, sendo registradas posteriormente como *Livro dos Mortos*, que foi escrito em papiro, antigo “papel” feito de uma planta, para a escrita.

Segundo Rosenfeld (2017), na antiga Grécia, os clássicos filósofos Platão e Aristóteles trabalharam conceitos de gêneros literários, que, em suma, configuram-se em gêneros Dramático, Épico e Lírico, constituindo elementos que visariam a pontos importantes da futura Literatura.

O cenário grego atribuiu elementos muito significativos para o início da literatura ocidental, pois foi na Grécia que os primeiros registros literários poéticos apareceram, como *Ilíada* e *Odisseia*.

Segundo Wikipédia, a Literatura, na antiga Grécia, esteve muito interligada ao teatro, visto que a dramaturgia era muito apreciada no período. Em função disso, a literatura tinha moldes dramáticos e cômicos. O teatro se deu por meio da literatura, pois os diálogos foram estabelecidos com os contos dos heróis locais e narrativas de cunho épico, criando-se também os atores clássicos.

³ <https://pt.wikipedia.org> - “um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética”.

Ao exemplo dos clássicos gregos, os romanos também tiveram participações importantes para o contexto literário. Nomes relevantes que integram o quadro de personalidades do mundo literário foram: Virgílio, que escreveu *Eneida*, e Horácio que foi o primeiro poeta a utilizar a sátira.

Na Idade Média, os estilos clássicos da cultura greco-romana começam a desintegrar-se. O acidente catastrófico na Biblioteca de Alexandria destruiu grande acervo cultural, e escribas mulçumanos tiveram, então, que reestruturar o que se foi perdido, preservando a historicidade dos registros que estavam na biblioteca.

Já a Literatura Portuguesa, da qual a Literatura Brasileira é proveniente, apresenta os primeiros registros literários no século XII. Bandeira (1954, p. 5), afirma:

Um dos países conquistados pelos romanos foi a Lusitânia, situada na parte ocidental da península ibérica. A alteração do latim vulgar gerou nessa região duas línguas: o galego e o português. Já no século IX existem vestígios da nossa língua no latim bárbaro dos documentos forenses. Mas os primeiros textos escritos em português só aparecem no século XII.

Entre os séculos XII e XIV, o que corresponde à Baixa Idade Média, os poetas eram conhecidos como “trovadores” e expressavam sua arte cantando cantigas trovadorescas, sem utilização de materiais escritos.

Durante um extenso período, a Literatura na Idade Média foi oralmente transmitida. A sua ascensão no cotidiano das pessoas de forma narrativa ganha força a partir do Romantismo, possibilitando o acesso do burguês comum ao mundo literário.

O gênero épico fora extraviado, ou melhor, substituído. As características metrificadas e engenhosas dos poemas épicos ganham tonalidades mais próximas ao cidadão comum, dando origem à narrativa, que culminou no período romântico.

A partir do romance, surgem diferentes molduras de textos, como o conto, os romances com gêneros distintos, como o romance romântico, romance policial, romance histórico, etc.

Muitas são atualmente as literaturas que expressam a cultura de seu país, e os estilos ganham inúmeros detalhes que distanciam cada vez mais a literatura dos primórdios com a atual.

Hoje, a literatura tem uma faceta tanto crítica como extremamente comercial, como vemos em livros que seguem o mesmo estilo, destinados ao mesmo público, com enredos semelhantes, com personagens que, muitas vezes, convergem por possuírem personalidades análogas. Lajolo (1982. p. 12), explica:

Num movimento oposto, em segmentos extremamente modernos e requintados da sociedade, livros de grande sucesso – os *best-sellers* – são escritos por uma espécie de trabalho em linha industrial: a produção da obra começa com um levantamento das expectativas do público: tipo de história que prefere, tolerância maior ou menor a sexo e violência, cenários e ambientes de maior IBOPE, coisas assim. Com base nesta pesquisa escreve-se um romance por assim dizer sob medida para o público. Como investimento comercial, livros deste figurino correm riscos mínimos em termos de retorno financeiro.

Independentemente do estilo literário mais popular no mercado, a Literatura está e esteve sempre presente, norteando as pessoas e criando suas culturas, ou refletindo a cultura, criando um canal entre a sociedade e a sua produção, como as novelas, por exemplo, que, por mais humilde que seja o cidadão e desconheça os grandes clássicos literários, acaba muitas vezes assistindo à trama que se derivou de uma grande obra literária, como a novela *Laços de Família*, baseada no livro de Clarice Lispector, *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles, *Gabriela*, de Jorge Amado e muitos outros.

Inserir as crianças no contexto da arte literária é de suma importância para educação, e fazer com que elas a compreendam de maneira simplificada é ainda mais significativo.

É nesse ponto que a música será introduzida como complemento da Literatura, pois ambas se relacionam de forma bem mais complexa do que as pessoas normalmente costumam imaginar.

Contribuição da Literatura para o desenvolvimento do homem

A Literatura, como qualquer outra arte, é um produto social que reflete o próprio meio e também transforma esse mesmo meio quando modifica o homem.

O ato de leitura possibilita inúmeras transformações na vida de uma pessoa. Freire (2000) acreditava que a leitura é, na realidade, uma ponte para conhecer o mundo por meio das palavras.

Todos nós, em algum momento, já lemos ou ouvimos alguém falar o quanto a leitura é relevante. A literatura está intimamente ligada à leitura, pois, se ambas estão conectadas, o ato de ler que é extremamente necessário, também deve ser prazeroso, o que muitas vezes não é problematizando-se, então, como consequência, o gosto pela literatura, pois, é importante despertar o interesse dos leitores com textos bem escritos que causam emoções, como os literários, por exemplo. Freire (2000, p. 17) diz que:

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. [...] não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas.

Se a leitura de textos literários for trabalhada de forma equivocada, a distância entre os benefícios que a literatura promove ao homem se distanciará dos propósitos literários de causar reflexão e prazer ao leitor. Freire (2000, p. 59) diz que: “Estudar é um dever revolucionário”, e se a literatura não for fundamentada em uma leitura sólida e consistente, a revolução não ocorrerá.

A leitura também acresce muito na saúde do corpo e mente do homem. Segundo o site Saudeporte⁴, a leitura quando iniciada na infância e prolongada no decorrer da vida, contribui para uma velhice mentalmente sadia, o site ainda afirma: “[...] a leitura tem esse poder de exercitar o cérebro, aprimorar a memória, estimular a imaginação, ajudando a desenvolver a inteligência, o raciocínio e a concentração”.

⁴ <https://saudeporte.com.br>

Mas não é só o indivíduo que é beneficiado com a leitura dos textos literários. Segundo Candido (2006), a Literatura coletiviza isto porque, diferentemente da obra – que é individualista por ser a criação do autor – ela é adquirida por muitas pessoas, e essa ideia contribui para o processo de construção de pensamento, visto que, se a literatura é coletiva no sentido de que todos podem ter acesso a ela, automaticamente a leitura promoverá discussões e reflexões, contribuindo para a troca de ideias e o contato social, o que enriquece o senso crítico leitor.

A Importância do lúdico no aprendizado

Em nossa atual sociedade, a importância da educação se faz cada vez mais necessária, isso porque a modernidade ganha espaço diariamente em proporções elevadas, e educar uma criança em um mundo cheio de novidades, seja no âmbito escolar ou familiar, torna-se uma atividade complexa para pais e professores que precisam acompanhar esse ritmo efêmero do desenvolvimento tecnológico.

Os PCN (1998) dizem que é necessário “organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar” (p. 22), isto é, o professor precisa levar para a sala de aula atividades que não sejam próprias de um ambiente escolar, pois, se o aluno vive um mundo diferente fora da escola, é exatamente esse mundo que o aluno precisa conhecer melhor dentro da escola, e, para que isso aconteça, o professor deve abrir lacunas para o lúdico dentro da sala de aula, visto que atividades diferentes são mais sedutoras aos olhos dos estudantes do que atividades que devem ser decoradas e são repetitivas sem nenhum contexto com o cotidiano.

Atividades como o teatro, por exemplo, podem agregar muito no desenvolvimento da criança e do jovem, pois o professor consegue agregar uma série de outros conceitos como o trabalho de leitura, a interação com os colegas (e, conseqüentemente, desenvolve-se o trabalho em equipe), o trabalho do corpo, o interesse que gera as pesquisas, o envolvimento com a música, com as habilidades manuais e visuais, entre outras coisas.

A música pode ser um instrumento de ensino com forte potencial lúdico, porque, apesar de ser produzida em um ambiente externo ao escolar, os alunos a levam para dentro da escola, como qualquer outro conceito ou objeto que seja produzido fora da escola. Isso se dá pelo fato de que, os alunos fazem parte da sociedade, e a sociedade está na escola. É nesse ponto que a música ganha seu potencial de ludicidade, pois, se o professor trabalhar essa arte, que é tão abrangente, pode conseguir bons resultados, considerando que ela envolve a linguagem e, como os PCN (1998) afirmam “A atividade mais importante, pois, é a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem” (p. 28). A música auxilia o aluno a refletir sobre sua língua de forma prazerosa, com algo que ele já conhece, mas que aprende a ter outra percepção sobre ela, embora, muitas vezes, seja compreendida de maneira equivocada, como sendo uma arte única e exclusiva do entretenimento. Mas, se for trabalhada corretamente, ela se torna um objeto de estudo muito eficaz.

As Figuras de Linguagem e a Literatura

A Literatura é uma arte complexa e rica e, muito da sua riqueza é construída por meio da conotação que atribui à arte literária diversas Figuras de Linguagem.

Segundo Garcia¹, ainda existe uma grande lacuna de uma abordagem profunda desse tema em gramáticas, pois, normalmente, as figuras de linguagem são apresentadas como complementos.

As figuras da linguagem estão entre os tópicos menos abordados nos estudos de português, figurando nas gramáticas geralmente como um capítulo acessório, perdido no final do livro. Talvez o descaso dos gramáticos para com as figuras de linguagem se deva ao fato de a maioria delas ser de natureza semântica, ou sintático-semântica, ou ainda semântico - pragmática, e a semântica ter sido praticamente abandonada nos estudos gramaticais no período que vai da Grécia Antiga até a Idade Média e depois, no período entre a Idade Média e o alvorecer do século XX.

Para Garcia, as Figuras de Linguagem contribuem para o bom desenvolvimento semântico das pessoas em contato com sua língua materna, pois, quem sabe utilizar as figuras a seu favor, adquire maior potencial na comunicação com outras pessoas.

Segundo Pasquale e Ulisses (2008, p.569), a figura de linguagem “Metáfora”: “ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém relação objetiva.”

Moreira¹ diz que a figura “Comparação” é: “ocorre comparação quando se estabelece aproximação entre dois elementos que se identificam, ligados por nexos comparativos explícitos, como *tal qual, assim como, que nem* e etc.”

A figura “Metonímia”, segundo Pasquale e Ulisses (2008), consiste no emprego de uma palavra que se relaciona de maneira próxima com algo, estabelecendo uma relação confinante.

Pasquale e Ulisses (2008, p.568), explicam que a figura “Onomatopeia” é uma: “tentativa de reproduzir linguisticamente sons e ruídos do mundo natural.”

A figura “Sinestesia”, segundo Moreira¹, é responsável por mesclar diferentes percepções sensoriais humanas, como o olfato, paladar, visão, audição e tato, reproduzindo-as em palavras. A autora ainda expõe a figura “Antítese” que se resume à contradição estabelecida entre palavras com significados diferentes.

A figura de linguagem “Eufemismo”, segundo Pasquale e Ulisses (2008, p. 570) representam o: “atenuamento intencional da expressão em certas situações.” Os autores também expõem a figura de linguagem “Hipérbole” como responsável pela característica exagerada das expressões, atribuindo uma ideia de algo fora do comum, como: “Faria isso mil vezes se fosse preciso.”

A figura “Ironia”, segundo Moreira¹: “é o recurso linguístico que consiste em afirmar o contrário do que se pensa”, criando uma ideia cômica e por vezes satírica ou maldosa.

Moreira ainda diz que a figura “Personificação”: “consiste em atribuir a seres inanimados características próprias dos seres humanos.” A autora explica ainda que, a figura de linguagem Anáfora consiste em repetir palavras e expressões no início de várias frases, como: “Tudo é silêncio, tudo calma, tudo mudez.”

Outra figura exposta por Moreira é o “Pleonasma”, que se resume à tendência de enfatizar uma ideia por meio da redundância.

Trovadorismo e sua contemporaneidade

O Trovadorismo foi um período muito importante para a nossa Literatura, pois, sendo a Literatura Brasileira proveniente da Literatura Portuguesa, temos com esse período literário do século XII, o início das escolas literárias.

No Trovadorismo, as cantigas eram a matéria prima do movimento. Por elas serem cantigas, a composição simplória era fundamental para que as ideias dos poematos se disseminassem com facilidade. Eis, então, que as redondilhas tornam-se um dos principais elementos de composição das cantigas trovadorescas. Segundo Lessa⁵, as redondilhas têm origem espanhola e provém do latim “redondo” contendo sete sílabas poéticas denominadas “redondilhas maior”, ou com cinco sílabas poéticas denominadas “redondilhas menores”. Podemos perceber o uso de redondilhas maiores neste fragmento da cantiga de amigo, de Julião Bolseiro:

Mal /me/ tra/ge/des/, ai/ fi/lha, - 7
 Por/que/ quer/ ‘ a/ver/ a/mi/gø - 7
 e/ pois/ eu/ com/ vos/so/ me/dø - 7
 non/ o/ ei/, nen/ é/ co/mi/go, - 7
 no/ aj/a/de/-la/ mia/ gra/ça - 7
 e /dê/-vos/ Deus/, ai/ mia/ fi/lha, - 7
 fi/lha/ que/ vos/ as/si/ fa/ça, - 7
 fi/lha/ que/ vos/ as/si/ fa/ça. – 7

A cantiga acima possui todos os versos em redondilha maior. Agora, vejamos o fragmento da música *Paratodos*, de Chico Buarque:

PARATODOS (Chico Buarque)
 O/ meu/ pai/ e/ra/ pau/lis/ta - 7
 Meu/ a/vô/, per/nam/bu/ca/nø - 7
 O/ meu/ bi/sa/vô/, mi/nei/rø - 7
 Meu/ ta/ta/ra/vô/, bai/a/nø - 7
 Meu/ ma/es/tro/ so/be/ra/nø - 7
 Foi/ An/to/nio/ Bra/si/lei/rø - 7

⁵ <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria>

Percebe-se que a música de Chico Buarque, apesar de ser contemporânea, estabelece a mesma quantidade de redondilhas maiores em todos os versos, assim como a cantiga trovadoresca de Bolseiro. Chico utilizou as redondilhas maiores em sua música *Paratodos*, justamente porque as redondilhas são populares, criando, assim, uma ligação semântica com o título da letra.

O poema de Bolseiro é uma cantiga, o que estabelece relação com o tema apresentado, demonstrando que a união de um poema trovadoresco pode ser trabalhada com uma música atual, unindo-se, assim, o teórico ao prático.

Mas não é só no uso de redondilhas que Chico Buarque emite, em suas músicas, traços semelhantes aos trovadorescos. Na música *Atrás da Porta*, o poeta transmite uma mensagem que se assemelha à cantiga de amigo, isso porque o eu-lírico é feminino, mas a música é cantada por um homem:

ATRÁS DA PORTA (Chico Buarque)

Dei pra maldizer o nosso lar
 Pra sujar teu nome, te humilhar
 E me vingar a qualquer preço
 Te adorando pelo avesso
 Pra mostrar que inda sou tua
 Só pra provar que inda sou tua

Outra música contemporânea que representa similaridade com o estilo das cantigas de escárnio do Trovadorismo é *Não Enche*, de Caetano Veloso. Essa música expressa características próprias das cantigas de escárnio, cantigas que satirizam alguém de forma indireta, porque ela não apresenta em sua letra nenhum nome, mas fala mal de alguém o tempo todo utilizando trocadilhos, outra característica das cantigas satíricas de escárnio que expressam ironia.

NÃO ENCHE (Caetano Veloso)

Harpia! Aranha!
 Sabedoria de rapina
 E de enredar, de enredar
 Perua! Piranha!
 Minha energia é que
 Mantém você suspensa no ar

Nesse trecho, o eu-lírico utiliza palavras como “Harpia” (monstro com garras afiadas, corpo de pássaro e cabeça de mulher) para satirizar e criticar alguém que não se sabe quem é.

Também podemos encontrar músicas atuais com temáticas de “cantigas de amor”, (cantigas no qual o eu-lírico é masculino), como esta em que o eu-lírico sofre por sua amada, como uma “coita” trovadoresca, além de a música representar um amor idealizado, pois o eu-lírico não tem sua amada, porque ela já está com outra pessoa.

TE CUIDO EM SILÊNCIO (Fernando e Sorocaba)

Na minha rua
Mora um anjo
Que ofusca
A luz da lua
Da janela
Vejo ela
Se trocando
Pra sair
Um conversível para em frente à casa dela
E ela toda bela beija o seu novo par
Nem quero imaginar
No dia que chegar o convite do seu casamento
Eu vou lembrar da gente criança correndo
Nem quero imaginar
Você levando os seus filhos de manhã pra escola
Vocês se mudando pra uma casa nova
Nem quero imaginar
Eu sofro em segredo, te cuido em silêncio.

Classicismo no século XXI?

O Classicismo foi uma escola literária moldada pela cultura greco-romana, pelo equilíbrio e elegância. Foi também o momento do épico e do lirismo comedido, com seus clássicos sonetos e métrica perfeita. Apesar de o Classicismo pertencer ao século XV, ainda podemos encontrá-lo no XXI, inclusive em músicas como *Monte Castelo*, da Legião Urbana que, apesar de não ter o predomínio constante das formas clássicas, tem sua temática voltada a um dos sonetos (Soneto 11) de Camões, o mais influente poeta clássico português.

MONTE CASTELO (Legião Urbana)

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer

Percebe-se que as duas primeiras estrofes são retiradas de uma passagem bíblica (I Coríntios:13). Já na estrofe seguinte, temos o soneto de *Camões*. Renato Russo, ao combinar fragmentos do soneto de Camões com a passagem bíblica de Coríntios, está, na realidade, pedindo paz, ao que pode se remeter ao título *Monte Castelo*, que faz referência à batalha de Monte Castelo, local que fica na Itália, palco do confronto entre brasileiros e norte-americanos contra os alemães no final da Segunda Guerra Mundial.

Como essa música possui versos camonianos, utilizá-la para apresentar Camões aos estudantes pode desenvolver um interesse maior pelo poeta, visto que a música pertence a uma banda de grande notoriedade no cenário musical brasileiro.

Outra característica literária presente no trecho do soneto de Camões é a figura de linguagem Paradoxo, figura que consiste em unir duas características diferentes no mesmo

ser, pois o eu-lírico define o amor de forma contraditória, com palavras que se opõem umas às outras, como no verso: “É ferida que dói e não se sente”, que expressa a ideia de que o amor é uma ferida que causa dor, porém, o fato de “estar” amando alguém supera a dor, e por isso ela não é sentida.

Outra música, também da Legião Urbana, que transmite a cultura Greco-Romana em suas letras é *Perfeição*.

PERFEIÇÃO (Legião Urbana)

Vamos celebrar Eros e Thanatos

Persephone e Hades

Vamos celebrar nossa tristeza

Vamos celebrar nossa vaidade

Nesse trecho, o eu-lírico utiliza nomes de personagens da cultura grega, assim como os poetas clássicos também utilizavam figuras mitológicas gregas e romanas para representarem suas ideias. No trecho da música, o eu-lírico “celebra” de forma irônica o deus *Eros* (deus mitológico do amor) e *Thanatos* (deus mitológico da morte), assim como também celebra *Persephone* (deusa das estações do ano) e *Hades* (deus do mundo subterrâneo). Ao utilizar essas figuras da mitologia grega, ele está sustentando a ideia irônica de que o homem vive, e celebra o amor e a morte, a vida e o caos, lembrando a oposição presente no poema camoniano, além do uso das figuras mitológicas também empregadas nos poemas clássicos.

Quinhentismo atualizado em música

O Quinhentismo foi um momento literário marcado pela educação jesuítica no Brasil, além de ser o primeiro movimento da Literatura brasileira, conhecido como Literatura de Informação, por veicular a “Certidão de nascimento do Brasil”, mais conhecida como: *A Carta de Pero Vaz de Caminha*.

Na música *Índios*, da Legião Urbana, temos uma intertextualidade com a carta de Caminha.

ÍNDIOS (Legião Urbana)

Quem me dera, ao menos uma vez
Ter de volta todo o ouro que entreguei
A quem conseguiu me convencer
Que era prova de amizade
Se alguém levasse embora até o que eu não tinha

Quem me dera, ao menos uma vez
Esquecer que acreditei que era por brincadeira
Que se cortava sempre um pano-de-chão
De linho nobre e pura seda

Nas estrofes acima, pode-se perceber uma relação com a carta que Caminha escreveu ao rei de Portugal para relatar sobre a “nova descoberta”, pois, na carta, encontramos esses elementos, como:

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar. (MINISTÉRIO DA CULTURA, p. 2. s.d)

Nesse fragmento, nota-se o momento em que os portugueses dão aos índios uma “carapuça de linho”. Esse momento também é citado pelo eu-lírico na música, porém, na letra da música, não há o termo “carapuça”.

Em outro fragmento da música encontramos relação com a carta que é: “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente/Tentei chorar e não consegui”, pois o eu-lírico se refere aos “presentes” que os portugueses deram aos indígenas, reforçando ainda, a ideia de que o mundo estava doente com tanta maldade e destruição causadas pelo homem.

O Barroco e suas particularidades em nossa atualidade musical

O Barroco foi um movimento literário caracterizado, principalmente, pelo conflito vivenciado pelo homem. Mas outras características também norteiam esse momento, como o duelo entre o claro e escuro, bem e mal, Deus e homem, cultismo e conceptismo, e assim seguem outras contraposições dessa escola literária.

Vitor Ramil apropria-se de algumas tendências do Barroco na letra de sua música também intitulada como *Barroco*:

BARROCO (Vitor Ramil)

Eu tô girando pelo quarto
Olhando o teto abobadado
No centro exato de um palácio
Com dez mil nobres no meu rastro
Eu vejo o ouro brasileiro
O terremoto de Lisboa
Os espanhóis sonhando o mundo
Os jesuitas no meu rastro

No claro-escuro
É que ela me vê
E diz assim:
"Sai daí, vem pra mim
O paraíso fica aqui"
Eu, dividido, digo:
"Se eu tiver que ler tudo do Barroco
Que tempo vai sobrar pra minha nêga?"

[...]Tenho jardins à minha volta
O povo longe, além das grades
Mas Holandeses que me azaram
E tenebrosos no meu rastro
Tô violento e apaixonado
Absoluto e perturbado
É que tem ecos pela sala
De alguém Furioso no meu rastro

Nessa música, o eu-lírico expressa a ideia de dualidade de espírito em que ele se encontra. Essa construção é feita por meio da figura de linguagem Paradoxo, como podemos perceber nos versos: "Tô violento e apaixonado/ Absoluto e perturbado". Outra característica

barroca presente nessa letra é a “pressão religiosa” que o eu-lírico vivencia, pois ele diz: “os jesuítas no meu rastro”, fazendo menção ao momento histórico da Igreja Católica, em que ela queria reestabelecer seu poder e, para isso, utilizava da pressão religiosa para agregar as pessoas à religião. Em contrapartida a essa pressão causada pela Igreja, o eu-lírico quer desfrutar os prazeres carnais, e diz: “Se eu tiver que ler tudo do Barroco/Que tempo vai sobrar pra minha nêga?.” O eu-lírico expressa fielmente essa relação entre Céu e Terra, carne e espírito, trabalhando essas ideias e, por trabalhar com ideias, ele abre margem para outro ponto importante do Barroco, que é o Conceptismo, segmento que trabalha com as ideias dentro da obra.

Outra música que tem ligação direta com o Barroco é *Oração (Mortal Loucura)*, que foi musicada por Miguel Wisnik e também interpretada por Maria Bethânia.

MORTAL LOUCURA (Miguel Wisnik e Gregório de Matos)

Na oração, que desaterra ... a terra,
 Quer Deus que a quem está o cuidado ... dado,
 Pregue que a vida é emprestado ... estado,
 Mistérios mil que desenterra ... enterra

Quem não cuida de si, que é terra, ... erra,
 Que o alto Rei, por afamado ... amado,
 É quem lhe assiste ao desvelado ... lado,
 Da morte ao ar não desaferra, ... aferra.

Quem do mundo a mortal loucura ... cura,
 A vontade de Deus sagrada ... agrada
 Firmar-lhe a vida em atadura ... dura.

O voz zelosa, que dobrada ... brada,
 Já sei que a flor da formosura, ... usura,
 Será no fim dessa jornada ... nada.

Esse poema de Gregório é um soneto. Ao escrevê-lo, o autor retomou a forma clássica, porém colocou o barroquismo no poema. A figura Eco se faz sentir no poema, pois, no término de todos os versos, há uma palavra que prolonga os últimos fonemas das penúltimas palavras de cada verso, assim, o eco é criado. Os jogos de palavras ainda expressam a ideia religiosa típica do Barroco, como se pode ver nos versos: “Quem do mundo a mortal loucura ... cura/A vontade de Deus sagrada ... agrada/Firmar-lhe a vida em atadura ... dura.”

Utilizar esses exemplos em sala de aula pode explicar os conceitos do Barroco, demonstrando aos alunos que a Literatura é agradável e, mesmo que a escola barroca seja complexa e normalmente cause estranheza aos estudantes, ela pode estar próxima a eles e se fazer entender de forma lúdica. Além disso, as figuras de linguagem presentes nos textos podem ser revistas.

Arcadismo e o bucolismo musical

O Arcadismo ou Neoclassicismo é a escola literária responsável por agrupar conceitos que transmitem ideologias ligadas ao campo, ao simples, ao equilíbrio e à retomada da cultura greco-romana.

Uma música que elucida a temática do Arcadismo é *Cenário Ideal*, de Jorge e Matheus:

CENÁRIO IDEAL (Jorge e Matheus)

Meu cenário ideal
 Tem o céu cheio de estrela
 Barulho de cachoeira
 E o grilo é nosso cantor
 Meu cenário ideal
 Tem a lua sempre cheia
 E o cafuné na orelha
 E o sonho vai se tornando real
 E a grama vira nosso tapete
 Balançar naquela rede, embaixo do coqueiro
 Fazer o que fazemos melhor
 Que é namorar o tempo inteiro
 Sem sinal de celular
 Sem ninguém pra atrapalhar
 Só nós dois de ser humano
 Ai que vontade que dá
 De ficar aqui só o restinho desse ano

A letra da música transmite algumas ideias arcadistas porque fala de um lugar bucólico, com um cenário tranquilo e distante da cidade, o que no, Arcadismo, é conhecido como *Fugere Urbem*, que significa “fugir da cidade”. Outra expressão árcade que se aplica a essa música é *Locus Amoenus*, que significa um “local ameno”, isto é, um local tranquilo e, podemos perceber essa expressão nos versos: “Meu cenário ideal/Tem o céu cheio de estrela/Barulho de cachoeira/E o grilo é nosso cantor.”

Na música *Além do Horizonte*, de Roberto Carlos, podemos encontrar o *Carpe Diem*, expressão que significa “aproveitar o dia” como no trecho:

ALÉM DO HORIZONTE (Roberto Carlos)

[...] Aproveitar a tarde sem pensar na vida
 Andar despreocupado sem saber a hora de voltar
 Bronzear o corpo todo sem censura
 Gozar a liberdade de uma vida sem frescura

A cantora Elis Regina também apresentou uma obra em que elementos arcadistas aparecem:

CASA NO CAMPO (Elis Regina)

Eu quero uma casa no campo	Pastando solenes no meu jardim
Onde eu possa compor muitos rocks rurais	Eu quero o silêncio das línguas cansadas
E tenha somente a certeza	Eu quero a esperança de óculos
Dos amigos do peito e nada mais	E meu filho de cuca legal
Eu quero uma casa no campo	Eu quero plantar e colher com a mão
Onde eu possa ficar no tamanho da paz	A pimenta e o sal
E tenha somente a certeza	Eu quero uma casa no campo
Dos limites do corpo e nada mais	Do tamanho ideal, pau-a-pique e sapé
Eu quero carneiros e cabras	Onde eu possa plantar meus amigos
	Meus discos e livros e nada mais

Na música de Elis, além de encontrar *Locus Amoenos*, Bucolismo, expressão que indica um lugar tranquilo e *Fugere Urbem*, temos também o Pastoralismo, que dá a ideia de pastores no campo, pois, nos versos: “Eu quero carneiros e cabras/pastando solenes no meu jardim”, percebe-se os elementos dos animais que são típicos do campo. Há ainda na música de Elis Regina a figura de linguagem “Personificação” nos versos: “Eu quero o silêncio das línguas cansadas/Eu quero a esperança de óculos”, pois o eu-lírico diz que “a língua está cansada”, assim como “esperança de óculos”, o que são características próprias do ser humano. Além do conteúdo literário, o professor pode aproveitar a letra e explicar o uso da figura de linguagem presente.

Romantismo: O amante dos músicos e poetas

O Romantismo é a escola literária em que os músicos e poetas mais se apropriam em suas criações. Por ser uma escola com grande potencial na cultura mundial, suas sementes se espalham em diversos campos da arte, como teatros, novelas, filmes, danças e músicas, assim como outros meios culturais, desde o seu surgimento até os dias atuais. Caracterizado, principalmente pelo seu exagero romântico, seus conceitos se estendem para o romance artificial, fantasioso, melancólico, platônico, além de enfatizar ideias nacionalistas, o que deu origem a cultos de personagens nativos, como os índios, porém, a representação indígena também tinha cunho irreal.

Na música *Índia*, de Gal Costa, podemos identificar uma relação com a obra *Iracema* (1865), do autor romântico José de Alencar.

ÍNDIA (Gal Costa)

Índia, teus cabelos nos ombros caídos
 Negros como as noites, que não têm luar.
 Teus lábios de rosa, para mim, sorrindo
 E a doce meiguice desse teu olhar.
 Índia, da pele morena
 Tua boca pequena, eu quero beijar.
 Índia, sangue Tupi, tens o cheiro da flor
 Vem, que eu quero te dar todo meu grande amor.
 Quando eu for embora, para bem distante
 E chegar a hora de dizer-te adeus.
 Fica nos meus braços só mais um instante
 Deixa os meus lábios se unirem aos teus.

Apesar de a música apresentar alguns contrapontos, como a tribo indígena de Iracema ser Tabajara e não a Tupi, por exemplo, as duas obras, tanto a de Alencar quanto a música trazem aspectos que se aproximam, pois ambas falam da mulher indígena e de sua beleza de forma romântica. Na letra da música, a índia é retratada pelo seu amado de forma doce e encantadora, e o eu-lírico diz que vai sentir saudades dela assim que partir para um lugar distante. Em *Iracema* (1865), o personagem Martim quer partir para um local distante, como na música, em que o eu-lírico também afirma querer ir a outro local. Devido à relação dessa

música com a obra de José de Alencar e por representar uma música romântica, podemos inseri-la no primeiro momento do Romantismo: o Indianismo/Nacionalismo, que abordava o indígena e valorizava a nação.

A música do cantor Luan Santana *Te esperando*, também traz elementos do Romantismo.

TE ESPERANDO (Luan Santana)

[...] E eu vou estar te esperando
 Nem que já esteja velhinha gagá
 Com noventa, viúva, sozinha
 Não vou me importar
 Vou ligar, te chamar pra sair
 Namorar no sofá
 Nem que seja além dessa vida
 Eu vou estar
 Te esperando

Esse fragmento expressa a ideia do Romantismo exagerado, artificial, pois o eu-lírico diz que vai ficar com sua amada muito além da vida terrestre. Nesse trecho, há a figura de linguagem Hipérbole, principalmente nos três últimos versos.

Outra música que pode ser inserida na segunda fase do Romantismo - caracterizado pelo seu “Ultrarromantismo”, característica que determina o amor levado ao extremo - é “Nível de Carência”, do cantor Pablo:

NÍVEL DE CARÊNCIA (Pablo)

Meu nome mudou
 Prazer me chamem de tristeza, sobrenome desamor
 Na rua coração dividido, apartamento com os amigos
 Que se chamam dor e solidão
 Sem ninguém pra me amar, meu consolo é o bar
 Onde recarrego as lágrimas que não param de rolar
 Sem ninguém pra dizer como foi o meu dia
 Sem ninguém pra dividir as tristezas e alegrias
 É que eu estou num nível de carência
 Que se meu cachorro late, eu escuto “eu te amo”
 É que eu estou passando trote pra mim mesmo
 Só pra ter a sensação que alguém me ligou

A música pode ser encaixada no Ultrarromantismo, porque o eu-lírico está extremamente deprimido e não vê mais nenhum sentido na vida. No verso: “Sem ninguém pra me amar, meu consolo é o bar”, percebe-se a vida boêmia que o eu-lírico vive, assim como muitos poetas ultrarromânticos que também levavam suas vidas na boêmia e, muitas vezes, escreviam sob o efeito do álcool.

A última fase do Romantismo brasileiro é a “Condoreira”, que se evidencia por sua característica de literatura engajada, dando início às obras de cunho social nas quais as levandades burguesas são criticadas. A música *Meu Tempo e Castro Alves* é uma composição de Toquinho que faz referência ao poeta Castro Alves:

MEU TEMPO E CASTRO ALVES (Toquinho)

Meu tempo escutou, vindo lá do passado,
 Um poeta que o tempo guardou.
 Meu tempo é apressado, meu tempo é danado:
 Meu tempo tudo mudou.
 Meu tempo mal guarda o sabor do presente
 E se atira prum tempo melhor.
 Meu tempo não pensa, está sempre adiantado:
 Esqueceu o que sabe de cor.
 Meu tempo é de morte pra vida.
 Meu tempo se escorre na multidão.
 Meu tempo, poeta, é um tempo engraçado:
 É o tempo da lua na televisão.
 Meu tempo é do homem aflito,
 Apressado, angustiado, sem remissão.
 Meu tempo, poeta, não é do seu tempo:
 É outra a nossa canção.

Nessa letra, além do título fazer referência ao poeta Castro Alves que pertenceu a terceira fase do Romantismo, também traz essa temática engajada que faz críticas ao tempo atual do eu-lírico, que é o “tempo moderno”. Percebe-se que o eu-lírico conversa com um “poeta”, que seria Castro Alves, como no verso: “Meu tempo, poeta, não é do seu tempo”.

Por ter sido uma escola literária muito relevante, o Romantismo ocupa um espaço muito vasto nas produções artísticas atuais, fundamentando muitas vezes as crenças das pessoas em um amor fidedigno, um amor avassalador, por vezes deprimente ou artificial. Apresentar o Romantismo e suas vertentes para alunos que escutam diariamente músicas carregadas de ideologias românticas, além de aproximá-los da Literatura, também os aproxima de uma compreensão mais profunda daquilo que os cerca.

O Realismo na realidade contemporânea.

O Realismo é o período literário que desmistifica o Romantismo artificial e irreal. Por ser um momento que se apropria da realidade e a configura em arte literária, o Realismo traz obras críticas e apresenta o homem como realmente é.

O soneto “A Carolina”, do renomado escritor realista Machado de Assis, ganha melodia na voz de Rudi Vilela:

A CAROLINA (Machado de Assis – Rudi Vilela)

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apeteçada
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O poema de Machado musicado por Vilela, além de ser um dos principais sonetos do autor, também representa o Realismo, mesmo sendo um poema lírico amoroso, não há um sentimentalismo exacerbado igual ao romântico.

Na música *Amor I Love You*, de Marisa Monte, há um trecho da obra realista *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós.

AMOR I LOVE YOU (Marisa Monte)
[...]Meu peito agora dispara
Vivo em constante alegria
É o amor que está aqui

Amor I love you

Amor I love you
 Amor I love you
 Amor I love you(bis)

Tinha suspirado
 Tinha beijado o papel devotamente
 Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas
 sentimentalidades
 E o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía
 delas
 Como um corpo ressequido
 que se estira num banho tépido
 Sentia um acréscimo de estima por si mesma!
 E parecia-lhe que entrava enfim numa existência
 superiormente interessante...
 Onde cada hora tinha seu intuito diferente
 Cada passo conduzia um êxtase...
 E a alma se cobria de um luxo radioso de sensações...

Na última estrofe dessa letra, o trecho do livro *O Primo Basílio* pode ser apresentado aos alunos com o propósito de introduzir a exposição da obra. Percebe-se ainda o emprego da figura de linguagem Prosopopeia no último verso: “E a alma se cobria de um luxo radioso de sensações...”, o que possibilita falar aos alunos como ela foi utilizada, já que a palavra “vida” se refere a um ser inanimado desempenhando ações (“cobria”) humanas.

Por representar a realidade, o Realismo serve como base em muitas músicas de cunho político-social, como *Violência*, dos Titãs:

VIOLÊNCIA (Titãs)

O movimento começou, o lixo fede nas calçadas.
 Todo mundo circulando, as avenidas congestionadas.
 O dia terminou, a violência continua.
 Todo mundo provocando todo mundo nas ruas.
 A violência está em todo lugar.
 Não é por causa do álcool,
 Nem é por causa das drogas.
 A violência é nossa vizinha,
 Não é só por culpa sua,
 Nem é só por culpa minha.
 Violência gera violência.
 Violência doméstica, violência cotidiana,
 São gemidos de dor, todo mundo se engana...
 Você não tem o que fazer, saia pra rua,
 Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua.
 Violência gera violência.

Com os amigos que tenho não preciso inimigos.
Aí fora ninguém fala comigo.
Será que tudo está podre, será que todos estão vazios?
Não existe razão, nem existem motivos.
Não adianta suplicar porque ninguém responde,
Não adianta implorar, todo mundo se esconde.
É difícil acreditar que somos nós os culpados,
É mais fácil culpar Deus ou então o diabo.

Essa música destaca a violência do mundo cotidiano e não floreia as ideias ou utiliza eufemismos para expressar a sociedade hostil em que vivemos. A letra aborda a violência como algo que, para os humanos, é tida como “natural”, visto que ela está em toda parte e o próprio homem é quem pratica diariamente.

O Simbolismo nos dias atuais

O Simbolismo foi um período literário caracterizado pelo místico e pela imaginação abstrata, com temas que nascem no subconsciente e ganham formas com palavras carregadas de simbologia. O Simbolismo também é uma escola literária marcada pela sonoridade, o que aproxima ainda mais a Literatura da música.

Na música *Se Eu Corro*, da Banda Mais Bonita da Cidade, há a presença da figura de linguagem Aliteração, figura que consiste no emprego de repetições de sons no início de frases, uma das figuras mais utilizadas nos poemas simbolistas.

SE EU CORRO (A Banda Mais Bonita da Cidade)

Eu quero guardar teu beijo
Na concha das mãos
Teu cheiro eu levo feito mancha na roupa
Que eu não lavo não

Sou alvo pros teus olhos claros parecidos
Com essa estação
E adoro os efeitos sonoros de quando você sussurra
Absurdos no ouvido do meu coração

Se eu corro
Eu corro demais só pra te ver meu bem
É que eu quero um socorro
Se eu corro

Na segunda estrofe, a aliteração se dá por meio da consoante “s”, pois fica perceptível a sonoridade criada com sons sibilantes, como neste verso em que a aliteração ocorre no final das palavras: “Sou alvo pros teus olhos claros parecidos”, assim como ocorrem nos versos do poema *Elevação*, de Baudelaire: “Por sobre os pantanais, os vales orvalhados/ As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares”, em que a aliteração do “s” também ocorre no final das palavras.

ELEVAÇÃO (Baudelaire)

Por sobre os pantanais, os vales orvalhados,
 As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares,
 Para além do ígneo sol e do éter que há nos ares,
 Para além dos confins dos tetos estrelados

Outra música que apresenta projeções simbolistas é *Samba de Ir Embora Só*, do O Teatro Mágico:

SAMBA DE IR EMBOR SÓ (O Teatro Mágico)

Tá certo que o nosso mal
 Jeito foi vital
 Pra dispersar o nosso bom
 O nosso som pausou
 E por tanta exposição
 A disposição cansou
 Secou da fonte da paciência
 E nossa excelência ficou lá fora
 Solução é a solidão de nós
 Deixa eu me livrar das minhas marcas
 Deixa eu me lembrar de criar asas
 Deixa que esse verão eu faço só
 Deixa que nesse verão eu faço só
 Deixa que nesse verão faço o sol
 Só me resta agora acreditar
 Que esse encontro que se deu
 Não nos traduziu o melhor
 A conta da saudade quem é que paga
 Já que já estamos brigados de nada
 Já que estamos fincados em dor
 Lembra o que valeu a pena
 Foi nossa cena não tem pressa pra passar

Nessa letra, pode-se perceber sibilantes nos versos “deixa que esse verão eu faço só/Deixa que nesse verão eu faço só/Deixa que nesse verão eu faço o sol”, assim, a sonoridade do “s”, integra-se ao movimento .

O poema *Ismália*, do simbolista Alphonsus de Guimaraens, é interpretado por Reynaldo Bessa em um samba melódico que acompanha a mensagem do poema.

ISMÁLIA (Reynaldo Bessa – de Alphonsus Guimaraens)

Quando Ismália enlouqueceu
Pôs-se na torre a sonhar
Viu uma lua no céu
Viu outra lua no mar
No sonho em que se perdeu
Banhrou-se toda em luar...
Queria subir ao céu
Queria descer ao mar
E, no desvario seu.
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...
E como anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu
Queria a lua do mar
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par
Sua alma subiu ao céu
Seu corpo desceu ao mar

O poema é uma das principais obras do autor e do período simbolista no Brasil. Utilizar a música para apresentar o poema para os alunos de forma lúdica pode facilitar o interesse em querer conhecer mais sobre o autor e sua obra. O poema também pode ser aproveitado para explicar às tendências simbolistas nele empregado, como o uso da musicalidade no poema, introduzindo as figuras de linguagem de sonoridade, e a incerteza mental da personagem que pode ser explicada pelos devaneios, pois o sonho é um tema frequente no Simbolismo.

O Modernismo do século XXI

O Modernismo é a escola literária que está mais próxima de nós, isso porque ela se inicia no século passado (XX) e se estende até hoje em nossa Literatura, pois é o último período literário até o momento.

O Modernismo é o movimento que se encarregou de criar uma ruptura com os estigmas de uma literatura metrificada e carregada de formas padronizadas. O Modernismo expressa a criatividade, a literatura livre das formas padrões – como o soneto -, preza pelo coloquialismo e reinventa a poesia, utilizando poemas concretos. Mas o Modernismo não inova somente em sua forma, é uma Literatura engajada em demonstrar os problemas políticos – sociais e, no Brasil, há a preocupação em ter como cenário, regiões que eram esquecidas, como o Norte e Nordeste brasileiros. Por ser um vasto movimento, ele se divide em fases.

Na música *De Janeiro a Janeiro*, de Léo Fressato, podemos encontrar o sertão nordestino como principal tema da letra, assim como fez Euclides da Cunha, que utilizou em sua obra *Canudos* o sertanejo nordestino.

DE JANEIRO A JANEIRO (Léo Fressato)

Talvez eu volte logo pro teu sertão
 Me retorcer no teu cerrado
 Pra ressecar até rachar o coração
 Que quase morreu afogado
 É que eu vim de longe eu vim lá do frio
 E lá o povo chora o dia inteiro
 É por isso que chove e que tudo mofa
 De janeiro a janeiro
 Mas se eu chegar no teu cerrado
 E você estiver do meu lado
 O meu coração rachado
 Você pode pingar uma gota do teu suor
 molhado
 E o meu coração estará fecundado
 E pronto pra levar
 O mar pro interior do seu país
 Levar o mar pro interior do teu país
 Levar meu mar pro interior do teu país
 De janeiro a janeiro

Apesar de a letra não abordar o confronto que a obra *Canudos* retrata, ela fala do sertão e utiliza expressões que são próprias do coloquialismo, como: “Me retorcer no teu cerrado” e “Mas se eu chegar no teu cerrado”, no qual a gramática normativa é substituída pelo uso do Português não padrão.

O poema *Azulão*, do poeta modernista Manuel Bandeira, também foi musicado por Jayme Ovalle e interpretado por inúmeras vozes, dentre elas, Nara Leão.

AZULÃO (Jayme Ovalle - Manuel Bandeira)

Vai Azulão
Azulão companheiro vai
Vai ver minha ingrata
Diz que sem ela
O sertão não é mais sertão
Ah, voa, Azulão
Azulão, companheiro vai...

Podemos perceber que o poema é pequeno, isso porque, no Modernismo, há a preferência por poemas curtos e com mensagens efêmeras. Outra característica modernista que aparece na letra são os versos livres, pois não há métrica no poema.

Outro grande poema que foi transformado em música é *A Rosa de Hiroshima*, de Vinícius de Moraes musicado por Gerson Conrad, da banda Secos e Molhados.

A ROSA DE HIROSHIMA (Gerson Conrad – Vinícius de Moraes)

Pensem nas crianças	Da rosa de Hiroshima
Mudas telepáticas	A rosa hereditária
Pensem nas meninas	A rosa radioativa
Cegas inexatas	Estúpida e inválida
Pensem nas mulheres	A rosa com cirrose
Rotas alteradas	A anti-rosa atômica
Pensem nas feridas	Sem cor sem perfume
Como rosas cálidas	Sem rosa, sem nada
Mas, oh, não se esqueçam	
Da rosa da rosa	

O poema fala sobre a bomba atômica que atingiu Hiroshima, no Japão, no período da Segunda Guerra Mundial, evidenciando o engajamento político – social que era um dos princípios do Modernismo.

O poeta modernista Carlos Drummond de Andrade também teve o seu famoso poema *E agora, José*, musicado por Paulo Diniz.

E AGORA, JOSÉ? (Paulo Diniz – Carlos Drummond de Andrade)

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,

e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?

e agora, José?

Está sem mulher,
está sem carinho,
está sem discurso,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

Nesse trecho do poema de Drummond, percebemos a referência feita à solidão do eu-lírico frente à vida, sem mais nada além do “vazio”. O poema ainda retrata cenas cotidianas, o que, no Modernismo, é comum, visto que ele preza pelo popular e pelas trivialidades corriqueiras.

O poema de Fernando Pessoa, *Padrão*, ganha melodia na voz de Caetano Veloso.

PADRÃO (Caetano Veloso – Fernando Pessoa)

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.
A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus

Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.
E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.
E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

No poema de Pessoa, há a presença do “mar português” como tema, visto que o mar é um tema constante nas obras portuguesas, inclusive nas de Fernando Pessoa. Pode-se utilizar essa letra para mostrar aos estudantes essa relação histórica de Portugal com o mar, assim, apresentar a vida e a grandiosidade das obras do escritor português.

A presença de Figuras de Linguagem em músicas

O texto literário é predominantemente conotativo e daí advém a presença massiva de figuras de linguagem nele. Essa constatação se evidenciou nos textos estudados nos capítulos anteriores e, neste, serão buscadas as inseridas em letras de músicas.

As figuras de linguagem, segundo Significados⁶ são: “recursos usados na fala ou na escrita para tornar mais expressiva à mensagem transmitida”. Nas músicas, as figuras de linguagem são empregadas de diversas maneiras com o propósito de enriquecer a letra em função da poesia.

Podemos perceber a figura metáfora nestes versos de O Teatro Mágico, pois o eu-lírico atribuí semelhanças entre os termos sublinhados e as possíveis ideias que podem sugerir:

EU NÃO SEI NA VERDADE QUEM EU SOU (O Teatro Mágico)

[...]Meninas são bruxas e fadas

Palhaço é um homem todo pintado de piadas

Céu azul é o telhado do mundo inteiro

Sonho é uma coisa que fica dentro do meu travesseiro

A figura Comparação aparece neste trecho comparando o eu-lírico a uma flor. Essa comparação se dá por meio da palavra “como”:

FLOR DE REGGAE (Ivete Sangalo)

Como se eu fosse flor, você me cheira

Como se eu fosse flor, você me rega

E nesse reggae eu vou a noite inteira

Porque morrer de amor é brincadeira

Outra figura presente neste trecho é a Metonímia, pois o eu-lírico “para” nas pessoas e não em seus olhares como diz:

PALAVRAS AO VENTO (Cássia Eller)

Ando por aí querendo te encontrar

Em cada esquina, paro em cada olhar

Deixo a tristeza e trago a esperança em seu lugar

Nesta letra, o eu-lírico cria uma pluralidade de significados utilizando apenas uma única Onomatopeia:

⁶ <https://www.significados.com.br/figuras-de-linguagem>

TAN TAN (Léo Fressato)

Tan tan tan tan tanto amor
 Tan tanto amor tan tanto amor
 Tan tan tan tan

Tan tan tan tan tan bate na porta é o meu amor
 Tan tan tan tan tan seja bem vindo,
 Seja o mais lindo, meu lindo amor
 Seja o mais lindo, meu lindo amor

Hoje eu pintei a lua cheia pra lhe dar
 E atirei ao céu cem mil de estrelas pra te acompanhar
 É que só de te olhar minha alma está sã, mas eu, tantam

Tantam da cabeça
 Tantam do coração
 Só de você se aproximar

Tan tan tan tan tan bate na porta é o meu amor
 Tan tan tan tan tan seja bem vindo,
 Seja o mais lindo, meu lindo amor
 Seja o mais lindo, meu lindo amor

Este outro trecho apresenta a figura Sinestesia, pois o beijo não tem cheiro, assim, misturam-se o os sentidos:

COR DE MARTE (Anavitória)

Encontro lar
 No perfume da tua nuca
 Na curva do teu ombro
 E no teu respirar

Nas tuas pernas
 Nas mãos
 Teu cabelo
 E no cheiro do beijo
 Que faz tu grudar

Nesta música, podemos perceber as contradições criadas por diálogos entre os eu-líricos da música, pois cada um contradiz o que o outro fala por meio do uso da Antítese:

EU ME LEMBRO (Clarice Falcão e Silva)

Era manhã
 Três da tarde
 Quando ele chegou
 Foi ela que subiu
 Eu disse "oi, fica à vontade"

Eu é que disse "oi", mas ela não ouviu

E foi assim que eu vi que a vida Colocou ele/ela pra mim

Ali naquela terça-feira/quinta-feira
De setembro/dezembro
Por isso eu sei de cada luz

De cada cor de cor
Pode me perguntar de cada coisa
Que eu me lembro

A figura Eufemismo substituiu o termo “morrer” nesta música, amenizando a ideia bruta da morte:

CANTIGA DE DAR TCHAU (A Banda Mais Bonita da Cidade)

Horror, amor
Te ver partir no elevador
Eleva a dor, neva
Mas vê se não congela, por favor
Trevas ângelas de Tom Jobim
Trevos de quatro folhas
Mal me quer, mas me quer assim

A figura Hipérbole aparece neste trecho de música, pois há um exagero na dedicação amorosa do eu-lírico à sua amada:

SEU (Bellamore)

Se o mundo inteiro se acabasse por um beijo teu
Ainda assim, te beijaria mais
Não seria em vão
Se cada toque me quebrasse em mil pedaços, eu
Ainda assim te tocaria
Mais, mais

E se você soubesse que não existe nada
Nada no mundo que me faça o que você faz
E se soubesse que eu te entregaria tudo
Meu passado, meu futuro, sem olhar pra trás

A figura de linguagem Ironia também aparece nesta música, realçando o sentido cômico da letra:

IRÔNICO (Clarice Falcão)

Queria te dizer
Que esse amor todo por você
Ele é irônico, é só irônico

A cada "eu te amo" que eu te mando
Eu tô pensando:
Isso é irônico, e é irônico

Só de pensar que cê pensou que era sério
Falando sério, eu quero rir

Que você acha que quando eu me descabelo
Ao som de um cello, eu tô aí

Eu gosto de você como quem gosta
De um vídeo do Youtube de alguém cantando mal
Eu gosto de você como quem gosta
De uma celebridade B

Eu já achei quem eu amasse de verdade
E eu pensei que era muito bom amar
Mas vai que alguém espalha isso na cidade
Com que cara eu vou ficar?

A figura Personificação aparece neste trecho atribuindo características humanas a seres inanimados:

COISA DE CASA (OutroEu)

[...]Bolo de chuva
Acho que me molhou
Que coisa absurda
Alguém já ligou pro vô?

Sai de casa sempre assim que der
Mas sai sem esquecer
Que a sua casa é sempre aqui

Sai de casa é só pra quem quer
Pois a coragem anda a pé
E vai te levar pra longe
Pra longe
Para longe

A figura Anáfora está presente neste trecho para reforçar a ideia que o eu-lírico quer construir:

SÓ VOCÊ É VOCÊ (Pedro Salomão)

Só você que sabe como me irritar
Só você que sabe como me acalmar

Só você me entende até melhor que eu
Só você bagunça o que eu sei sobre mim

Só você tem esse beijo de cordel
Só você faz do meu corpo seu papal

A figura Pleonasma está presente no título deste trecho, pois só existe “metade” de algo que é “par”:

DUAS METADES (Jorge e Mateus)

Pra falar do amor de verdade
Vou começar pela melhor metade
Te mostrar tudo de bom que tenho
E se for preciso eu desenho
Que eu amo você

Que eu quero você

A outra metade é defeito
Você vai saber de qualquer jeito
Anjo ou animal, suave ou fatal

Conclusão

De acordo com o que foi explicitado neste trabalho, compreendemos que a música não é um fator alheio ao ambiente escolar. Utilizar esse recurso em sala de aula permitirá ao aluno expandir seu campo de visão para algo que já faz parte do seu dia-a-dia, obtendo, assim, uma maior desenvoltura crítica para o mundo que o cerca.

Ao utilizar músicas para ensinar a Literatura, o professor poderá despertar no aluno não somente a empatia pela aula lúdica, mas, principalmente, o conhecimento que será proveniente de uma arte que agrada a todos com genuinidade.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Manuel. **Noções de História das Literaturas**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação Musical – Bases psicológicas e ação preventiva**. 2. ed. – Alínea, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CIPRO, Pasquale Neto; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: Em três artigos que se completam**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. Coleção 53 – Primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. São Paulo: Perspectiva, 1965.

WEBGRAFIA

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/musica---origem-sons-e-instrumentos.htm>.

Acesso em 02 abr. 2017

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura>. Acesso em 02 abr. 2017

<https://saudesporte.com.br/ler-faz-bem-para-saude/>. Acesso em 12 abr. 2017

<http://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorenzou/a-literatura-e-seus-beneficios-para-a-vida/>. Acesso em 21 jul. 2017

<https://amenteemaravilhosa.com.br/piaget-teoria-aprendizagem>. Acesso em 21 jul. 2017

<http://proavirtualg42.pbworks.com/w/page/18673050/FrontPage>. Acesso em 21 jul. 2017

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>. Acesso em 07 ago. 2017

<https://www.dicio.com.br/trava-lingua/>. Acesso em 07 ago. 2017

<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria>. Acesso em 08 ago. 2017

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/trovadorismo>. Acesso em 08 ago. 2017

<https://www.letras.mus.br/chico-buarque>. Acesso em 22 out. 2017

http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em 22 out. 2017

<https://www.letras.mus.br/vitor-ramil>. Acesso em 22 out. 2017

<http://tagarelicesoblog.blogspot.com.br/2013/11/mortal-loucura-de-wisnik-e-gregorio-de.html>. Acesso em 22 out. 2017

<https://www.letras.mus.br/jorge-mateus/cenario-ideal/>. Acesso em 22 out. 2017

<https://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/alem-do-horizonte.html>. Acesso em 24 out. 2017

<https://www.letras.mus.br/elis-regina/>. Acesso em 24 out. 2017

<https://www.vagalume.com.br/gal-costa/india>. Acesso em 24 out. 2017

<https://www.vagalume.com.br/luan-santana/te-esperando>. Acesso em 24 out. 2017

<https://www.letras.mus.br/pablo-a-voz-romantica/nivel-de-carencia>. Acesso em 24 out. 2017

<https://www.letras.mus.br/toquinho>. Acesso em 24 out. 2017

<https://www.luso-poemas.net/modules>. Acesso em 27 out. 2017

<https://www.vagalume.com.br/marisa-monte/amor-i-love-you>. Acesso em 27 out. 2017

<https://www.vagalume.com.br/titas/violencia>. Acesso em 27 out. 2017

<https://www.vagalume.com.br/a-banda-mais-bonita-da-cidade/se-eu-corro>. Acesso em 27 out. 2017

<https://www.todamateria.com.br/poesia-simbolista>. Acesso em 05 nov. 2017

<https://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/reticencias>. Acesso em 05 nov. 2017

<https://www.vagalume.com.br/reynaldo-bessa/ismalia>. Acesso em 05 nov. 2017

<https://m.letras.mus.br/leo-fressato/de-janeiro-a-janeiro>. Acesso em 05 nov. 2017

<https://www.letras.mus.br/nara-leao>. Acesso em 05 nov. 2017

<https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes>. Acesso em 05 nov. 2017

<https://www.vagalume.com.br/paulo-diniz/e-agora-jose>. Acesso em 23 nov. 2017

<http://arquivopessoa.net/textos> . Acesso em 23nov. 2017

<https://www.significados.com.br/figuras-de-linguagem>. Acesso em 27 nov. 2017